

DE NOITE

Maria do Carmo Brandão

— Paiê ! Paiê ! A onça !

O pai saltou da cama, entrou correndo no quarto do menino, acendeu a luz.

— Paiê, a onça. Tira a onça daqui !

— Tem onça não, filho. Tem não. Você está sonhando.

— Tem sim, pai. Tira ela.

Ele afagou os cabelos e o rosto do menino.

— Dorme, filho. É sonho.

— Sonho não, pai. Ela 'tá aí.

O pai deu umas voltas pelo quarto, pisando forte.

— Tem nada não, filho. Vamos dormir.

— Pai, tira a onça — o menino querendo chorar.

— Onde é que ela está ?

— Na parte do meio do armário, onde tem o espelho.

O pai olhou para os olhos do filho.

— Como é que ela é ?

— Igual toda onça, pai. Amarela com pinta preta. Se ocê demorar, já já dá o bote.

— E, — o pai se assentou no pé da cama — agora estou vendo ela. Não é onça não, filho, é uma jaguatirica. Pouquinho maior do que o gato que a vovó tinha. O Veludo. Você lembra dele ? Parece mansinha, não está com jeito que vai dar bote nenhum. E as pintas dela são tão miudinhas que até parece que foram feitas com aquele pincel fininho da mamãe pintar vasos.

O menino moveu os lábios num sorriso leve.

— Conta mais, pai. E a boca? E os dentes são pontudos?

— Acho que são, filho. Não posso ver porque ela está com a boca fechada. Mas eu é que não boto a mão perto. As patas eu estou vendo. Têm cada unha pontuda. Eu acho que essa jaguatirica veio de um lugar que tem muitas árvores. O corpo dela está todo arranhado.

— Pai, 'ocê gosta de onça?

— Gosto, filho. Gosto de onça, de jaguatirica, de leão, de tigre. Só não gosto é de cobra, de escorpião, de aranha. Os outros bichos, se a gente quiser, até fica amigo deles.

— E mesmo. Ô pai, 'ocê lembra daquele filme da leoa que chamava Elza? Que nós assistimos duas vezes na televisão?

— Lembro.

— Que a leoa acabou ficando mansinha?

— Pois é.

— Foi uma fita bacana, hem? — o menino disse, abrindo mais os olhos e sorrindo.

O pai afagou outra vez os cabelos e o rosto do filho e beijou-o.

— Agora dorme. A jaguatirica já foi embora.

O menino continuou sorrindo e de olhos abertos.

— Pai, foi tudo sonho meu, né? — ele disse.

— Foi, sim. Agora dorme.

O pai caminhou até a porta. Parou, voltou-se, ficou olhando para os olhos abertos do filho.

— 'Ocê já apagou a luz, pai? — o menino perguntou.

O pai apertou bem devagarinho o botão do comutador.

— Já, sim, filhote. Deus te abençõe.